



ACADEMIC IDENTITY OF PHYSICAL EDUCATION: NARRATIVE REVIEW ON EPISTEMOLOGICAL FOUNDATIONS

DANIEL BAIRROS PEREIRA
CAMILE BALDONI DE OLIVEIRA
ISABELLA FELIPETTO
ALAN DOS SANTOS MACHADO
GABRIELA AYRES DE ALMEIDA
LEONARDO DIAS AVANÇO

Federal University of Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil
leonardo.avanco@uol.com.br

Abstract

Introduction: Since the 1980s, Brazilian Physical Education has faced an identity crisis resulting partly from tensions between the foundations of the natural and human sciences, generating epistemological impasses and controversies regarding its scientific status. This crisis reflects divergences concerning the meaning and significance of the field as an academic domain. **Objective:** To analyze, from an epistemological perspective, the debate on the academic identity of Physical Education by identifying theoretical convergences and divergences that shape its main contemporary trends. **Methods:** This study is a narrative review based on books and articles that explicitly address the relationships among science, epistemology, and Physical Education. Conceptually relevant texts were examined through interpretative reading and conceptual categorization, leading to a comparative synthesis of key authors. **Results:** Among other classifications, two predominant perspectives were identified: the pedagogical one, which understands Physical Education as a social and educational practice, and the scientific one, which seeks its recognition as an autonomous field of knowledge production. Authors such as Tani and Gamboa advocate for integration between educational and scientific dimensions, whereas Bracht and Medina emphasize its ethical and formative character. **Conclusion:** The systemic approach, grounded in Tani (1996, 2023), proves promising in overcoming historical dichotomies by proposing the integration between science and professional intervention and the construction of a macro-epistemological order capable of providing coherence and consistency to the academic identity of Physical Education.

Keywords: Epistemology, Theoretical autonomy, Professional training, Systemic rationality.

IDENTIDAD ACADÉMICA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA: REVISIÓN NARRATIVA SOBRE FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

Resumen

Introducción: Desde la década de 1980, la Educación Física brasileña enfrenta una crisis de identidad derivada, en parte, de las tensiones entre los fundamentos de las ciencias naturales y humanas, lo que ha generado impases epistemológicos y controversias acerca de su estatus científico. Esta crisis refleja divergencias sobre el sentido y el significado del campo como área académica. **Objetivo:** Analizar, desde una perspectiva epistemológica, el debate sobre la identidad académica de la Educación Física, identificando las convergencias y divergencias teóricas que configuran sus principales corrientes contemporáneas. **Métodos:** Se trata de una revisión narrativa basada en libros y artículos que abordan explícitamente las relaciones entre ciencia, epistemología y Educación Física. Se incluyeron textos de relevancia conceptual analizados mediante lectura interpretativa y categorización conceptual, lo que permitió elaborar una síntesis comparativa de los principales autores. **Resultados:** Además de otras clasificaciones, se identificaron dos vertientes predominantes: la pedagógica, que entiende la Educación Física como práctica social y educativa, y la científica, que busca su reconocimiento como campo autónomo de producción del conocimiento. Autores como Tani y Gamboa defienden una integración entre las dimensiones educativa y científica, mientras que Bracht y Medina enfatizan su carácter ético y formativo. **Conclusión:** El enfoque sistémico, fundamentado en Tani (1996, 2023), se muestra prometedor para superar las dicotomías históricas, al proponer la integración entre ciencia e intervención profesional y la construcción de un macroorden epistemológico capaz de otorgar coherencia y consistencia a la identidad académica de la Educación Física.

Palabras clave: Epistemología, Autonomía teórica, Formación profesional, Racionalidad sistemática.

IDENTITÉ ACADEMIQUE DE L'ÉDUCATION PHYSIQUE : REVUE NARRATIVE SUR LES FONDEMENTS ÉPISTÉMOLOGIQUES

Abstrait

Introduction: Depuis les années 1980, l'Éducation Physique brésilienne traverse une crise d'identité découlant en partie des tensions entre les fondements des sciences naturelles et humaines, générant des impasses épistémologiques et des controverses quant à son statut scientifique. Cette crise reflète des divergences concernant le sens et la signification du champ comme domaine académique. **Objectif:** Analyser, sous une perspective épistémologique, le débat sur l'identité académique de l'Éducation Physique, en identifiant les convergences et divergences théoriques qui configurent ses principales orientations contemporaines. **Méthodes:** Il s'agit d'une revue narrative fondée sur des ouvrages et articles abordant explicitement les relations entre science, épistémologie et Éducation Physique. Les textes de pertinence conceptuelle ont été analysés par lecture interprétative et catégorisation conceptuelle, aboutissant à une synthèse comparative des principaux auteurs. **Résultats:** Outre d'autres classifications, deux courants dominants ont été identifiés : le courant pédagogique, qui conçoit l'Éducation Physique comme pratique sociale et éducative, et le courant scientifique, qui recherche sa reconnaissance comme champ autonome de production du savoir. Des auteurs tels que Tani et Gamboa défendent une intégration entre les dimensions éducative et scientifique, tandis que Bracht et Medina soulignent son caractère éthique et formatif. **Conclusion:** L'approche systémique, fondée sur Tani (1996, 2023), se révèle prometteuse pour dépasser les dichotomies historiques, en proposant l'intégration entre science et intervention professionnelle ainsi que la construction d'un ordre macro-épistémologique apte à conférer cohérence et consistance à l'identité académique de l'Éducation Physique.

Mots-clés: Épistémologie, Autonomie théorique, Formation professionnelle, Rationalité systémique.

IDENTIDADE ACADÊMICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: REVISÃO NARRATIVA SOBRE FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

Resumo

Introdução: Desde a década de 1980, a Educação Física brasileira enfrenta uma crise de identidade decorrente, em parte, de tensões entre fundamentos das ciências naturais e humanas, o que gerou impasses epistemológicos e controvérsias quanto ao seu estatuto científico. Essa crise reflete divergências sobre o sentido e o significado da área como campo acadêmico. **Objetivo:** Analisar, sob a perspectiva epistemológica, o debate sobre a identidade acadêmica da Educação Física, identificando convergências e divergências teóricas que configuram suas principais vertentes contemporâneas. **Métodos:** Trata-se de uma revisão narrativa baseada em obras e artigos que abordam explicitamente as relações entre ciência, epistemologia e Educação Física. Foram incluídos textos de relevância conceitual analisados por leitura interpretativa e categorização conceitual, resultando em uma síntese comparativa dos principais autores. **Resultados:** Identificaram-se, além de outras classificações, duas vertentes predominantes: a pedagógica, que entende a Educação Física como prática social e educativa, e a científica, que busca seu reconhecimento como campo autônomo de produção de conhecimento. Autores como Tani e Gamboa defendem uma integração entre dimensões educativas e científicas, ao passo que Bracht e Medina enfatizam seu caráter ético e formativo. **Conclusão:** A abordagem sistêmica, fundamentada em Tani (1996, 2023), mostra-se promissora para superar dicotomias históricas, ao propor a integração entre ciência e intervenção profissional e a construção de uma macro-ordem epistemológica capaz de conferir coerência e consistência à identidade acadêmica da Educação Física.

Palavras-chave: Epistemologia, Autonomia teórica, Formação profissional, Racionalidade sistêmica.

Introdução

Desde a década de 1980, no Brasil, engendrou-se uma crise na educação física (Medina, 2013), inicialmente no âmbito acadêmico, mas que, posteriormente, devido a uma decorrente desorientação que se seguiu, atingiu diversos campos de intervenção profissional. Tal crise foi resultante, em parte, da oposição entre distintas concepções acerca do sentido e do significado do campo acadêmico da Educação Física, manifestando-se como um conflito de identidade que, segundo Tani (2023), tem ameaçado de modo subjacente a estabilidade dos trabalhos de pesquisa e de preparação profissional realizados no âmbito de departamentos universitários. De outro lado, ela decorreu da contraposição entre diferentes fundamentações sobre quais deveriam ser os escopos essenciais da intervenção profissional, de modo que o atrito entre ciências naturais e humanas se tornou manifesto pelo desdobramento de tais embasamentos.

A referida crise, desde então e até os dias atuais, passa a atingir um elemento epistemológico essencial do campo acadêmico da educação física. Bungenstab (2020) afirma que, no fim do século XX, a educação física vivenciou um desenvolvimento que buscou fazer avançar a possibilidade de estabelecimento de um estatuto científico para a área, manifestando-se nesse ínterim uma preocupação com a alteração de questões técnicas, instrumentais e metodológicas a partir da tentativa de superação das pesquisas que eram realizadas com métodos e teorias desenvolvidos por outros campos científicos. Tratava-se da busca por autonomia em relação àquilo que Bracht (2007) e Tani (2023) identificaram como relação de dependência com “ciências-mãe”. Referindo-se ao contexto histórico indicado, Lima (1999) assinala que dele surge a necessidade de se definir questões epistemológicas próprias da educação física, de modo que passam a ser elaboradas importantes questões sobre o assunto, tais como, por exemplo: a educação física é uma ciência? Ou, talvez melhor: ela tem potencial e condições de ser uma ciência?

Fundamentando-se em uma influente corrente contemporânea da filosofia da ciência que tem relativizado a validade do conhecimento produzido cientificamente, parte significativa da produção teórica e epistemológica da educação física passou a defender uma determinada orientação aversiva em relação ao empreendimento de natureza científica. Autores renomados e influentes, tal como, por exemplo, Bracht (2007), buscaram afastar ou combater a proposição de que a educação física desse estabelecer um vínculo de identidade essencial com a ciência, argumentando que, na realidade, a identidade da educação física, devido a suas inerentes dimensões éticas, estéticas e políticas, deve ser desvelada em seu nexo fundamental com a prática pedagógica. Para fazer justiça ao autor, porém, é preciso reconhecer que ele propunha um determinado diálogo interdisciplinar entre ciências como forma de orientar com mais ampla coerência a tomada de decisões pedagógicas em educação física.

Nesse contexto de suspeita em relação ao empreendimento e ao conhecimento científicos, segundo Tani (1996), criticava-se a ciência sobretudo em sua concepção clássica, que se caracterizava, entre outras coisas, pelo determinismo, reducionismo e linearidade, ao passo que os desenvolvimentos mais recentes do paradigma científico atual permaneciam incólumes a tais críticas. Não se discutiam, por exemplo, em tais críticas, questões e conceitos tais como os de propriedades emergentes, não-linearidade, auto-organização, ordem e desordem. Além disso, frequentemente, não foram consideradas por essa crítica importantes distinções entre ciência, técnica e tecnologia, bem como entre ciência básica e ciência aplicada, de modo que o empreendimento científico foi abordado de maneira descontextualizada tanto no tempo quanto no espaço. Ainda de acordo com Tani (1996), “essa atitude fez revelar o quão necessário se faz uma incursão mais profunda sobre a

história da ciência, a filosofia da ciência e a epistemologia em nosso meio”. O autor considera lamentável que, no campo da Educação Física, a filosofia e a sua macrovisão sobre a ciência sejam vistas como “uma viagem estratosférica desprovida de qualquer significado prático”.

Diante desse cenário de impasses e de divergências com relação aos vínculos entre educação física e ciência, surge a problemática: afinal, como podemos definir, de um ponto de vista epistemológico, a identidade acadêmica da área? O objetivo deste artigo é contribuir com o avanço do debate acerca da identidade acadêmica da educação física, sem, no entanto, exauri-lo, dada a sua complexidade. Trata-se de, através de uma abordagem metodológica particular, indicar alguns aspectos considerados mais promissores que despontam do debate epistemológico no campo da Educação Física.

Métodos

Situado na área epistemológica da Educação Física, este trabalho se caracteriza por ser um relato de revisão narrativa. De acordo com Pellizzer *et al.* (2021), revisões narrativas são trabalhos de revisão de literatura que, embora não apresentem dados novos, fazem uma análise crítica do que já foi publicado. Além disso, segundo os autores, a partir de comparações entre estudos já realizados, tais revisões têm o potencial de fornecer conclusões com avanços acadêmicos e científicos sobre determinado(s) tema(s) e de indicar perspectivas de novas pesquisas sobre o(s) assunto(s) abordado(s).

Por outro lado, um dos objetivos de revisões narrativas, de acordo com Baumeister e Leary (1997), é identificar problemas e controvérsias em uma área de pesquisa, indicando determinados impactos e possíveis deficiências sobre determinada temática e chamando-se, assim, a atenção da comunidade científica para a importância de envidar mais esforços de pesquisa para a resolução de problemas oriundos de tais controvérsias.

Diferentemente de revisões sistemáticas, revisões narrativas, devido à amplitude das questões com quais se relacionam, não são realizadas para determinar condutas e protocolos de ação para resolver determinados problemas de ordem pontualmente intervencionais, nem são elaboradas com base em *checklists* metodológicos ou em diretrizes fixadas para o seu desenvolvimento, mas podem seguir determinadas etapas que auxiliam a estruturação de seu delineamento.

Neste trabalho, conquanto reconheçamos como características desse tipo de revisão as ausências de análise estatística (meta-análise) dos dados e de critérios fixos de inclusão e de exclusão de textos, seguimos as seguintes etapas sugeridas por Pellizzer *et al.* (2021): [1] seleção de tema e definição do escopo da pesquisa, introduzindo a importância e a perspectiva do tema e do problema delineados; [2] busca na literatura científica com fundamento em livros e bases de dados eletrônicas, coletando, analisando e organizando as

informações apresentadas; [3] síntese e sistematização de informações em tabela e indicação de linhas promissoras do debate e perspectivas para futuras pesquisas.

Com relação à etapa de busca na literatura científica, foram selecionados textos cujo assunto abordava de maneira explícita os vínculos entre ciência, epistemologia e Educação Física, e que apresentavam contribuições relevantes de um ponto de vista conceitual ao debate sobre identidade acadêmica da área. Não foram incluídos trabalhos puramente técnicos ou desprovidos de fundamentação teórica. Além disso, os textos foram examinados através de leitura interpretativa e categorização conceitual, buscando identificar convergências e divergências entre diferentes perspectivas epistemológicas. Quanto à etapa de síntese, os resultados foram organizados em forma de tabela e a discussão foi estruturada com base em eixos temáticos que expressam tendências do debate atual.

Resultados

Em considerável medida, a crise de identidade engendrada na Educação Física ocorreu devido ao atrito entre ciências naturais e humanas na fundamentação da intervenção profissional. Esse atrito pode ser observado nos estudos de Medina (2013), que, situando-se no campo das ciências humanas, critica a pedagogia tradicional que orienta a conduta de profissionais da área. Tal pedagogia, em sua visão, seria dualista, tendo como uma de suas principais características a produção de um espírito superior, intelectualizado culturalmente, erudito, produção que simultaneamente desvalorizava ou secundarizava o corpo, ainda que não o admitisse explicitamente. Nesse sentido, essa pedagogia tradicional da Educação Física, quando trabalharia o corpo, faria isso “de maneira fragmentada” e não o perceberia para “além dos seus limites biológicos” (Medina, 2013, p. 79).

Ainda segundo Medina (2013), os profissionais que trabalham com base na referida concepção tradicional de Educação Física se sentiriam normalmente constrangidos ao assumirem a função de educadores, “desvalorizando-se a si próprios e sendo desvalorizados pela comunidade na qual trabalham”. Fundamentados na ideia de que a Educação Física é “educação do físico”, tais profissionais contribuiriam com uma educação adestradora da dimensão biológica e anatomoefisiológica do corpo. Preocupar-se-iam, além disso, estritamente com os aspectos físicos da saúde ou do rendimento motor do ser humano, definindo a Educação Física “como *um conjunto de conhecimentos e atividades específicas que visam ao aprimoramento físico das pessoas*”. As dimensões sociais e psicológicas da saúde relacionadas à atividade física ocupariam uma posição secundária ou até mesmo irrelevante para essa concepção, de modo que, conforme alguns profissionais

argumentariam, os “traços intelectuais, morais, espirituais e sociais devem ficar a cargo de outras instâncias da educação” (Medina, 2013, p. 79-80).

A partir dessa crítica à determinada dimensão da tradição do trabalho com Educação Física, nas décadas de 1980 e 1990, emerge um conjunto de proposições epistemológicas que buscavam justificar o status, senão científico, ao menos acadêmico e universitário dos cursos de preparação profissional da área. Nesse contexto, de acordo com Lima (1999), a questão que orienta a investigação da educação física a ser entendida ou não como ciência dividiu duas abordagens, a saber: [1] a abordagem científica (Ciência da Motricidade Humana, Ciência do Movimento Humano, Cinesiologia etc.), cujo foco foi o surgimento de uma nova ciência; e [2] a abordagem pedagógica (Educação Física como ciência da prática, cultura corporal de movimento etc.), cuja atenção principal foi a preocupação com a prática educativa e social. Segundo Bungenstab (2020), as referidas décadas viram nascer um debate epistemológico que se concentrou “na crise de identidade sofrida pela área e na busca pela sua legitimidade científica”.

No início da década de 1990, Tani (1991) declarava que, em sua dimensão de intervenção profissional, a educação física e seus professores escolares eram muitas vezes considerados “simples executores com baixo reconhecimento profissional, marginalizados pelos próprios colegas professores de outras disciplinas curriculares”. E essa forma como eram vistos poderia ser compreendida se se levasse em consideração “a preparação profissional a que eles” – os professores – “foram submetidos”. De acordo com Tani (1991), em nome de uma “formação eclética” do professor de educação física, instituições de preparação profissional estariam lançando no mercado de trabalho profissionais com perfis desorientados e indefinidos, os quais estariam disputando vagas com pessoas sem a devida habilitação específica. Tal ambiguidade na preparação de profissionais refletiria a “ausência de uma identidade clara da educação física”. Em seu entender, tal ausência deitaria raízes no fato de, historicamente, a Educação Física ter enfatizado o ensino, ou o aspecto profissionalizante da formação, “esquecendo-se de se estruturar enquanto uma área de conhecimento” (Tani, 1991).

Na esteira de buscas por legitimidade científica, diferentemente de Bracht (2007), Gamboa (2010), em texto originalmente publicado em 1994, comprehende que a educação física deveria essencialmente estabelecer sua identidade junto ao campo das ciências, desde que fossem levados em conta devidamente todos os aspectos e implicações daquilo que denominou como sendo “novos campos epistemológicos”, no interior dos quais a educação física deveria se inserir para que fosse mais bem reconhecida a natureza de seus campos acadêmico e de intervenção profissional. Tais campos estariam atuando na superação de dicotomias tais como entre ciências naturais e humanas, e entre produção e aplicação do conhecimento. Nesse sentido, a pesquisa científica em educação física deveria levar em

conta a construção de referenciais teóricos específicos e o desenho de metodologias condizentes com a natureza do campo acadêmico.

Enquanto, porém, Gamboa (2010) propunha a superação do que chamou “colonialismo epistemológico” da Educação Física, entendido como fenômeno de subordinação da área a diretrizes disciplinares das chamadas “ciências-mãe” que lhe davam sustentação, Bracht (2007), por seu turno, em texto publicado originalmente em 1997, supunha uma superação do que denominou “colonialismo científico” da Educação Física. Consolidando a vertente pedagógica do debate epistemológico que emergiu nas décadas de 1980 e 1990, Bracht (2007), diferentemente de Gamboa (2010), entendia que a Educação Física não deveria aspirar a atingir o *status* científico, pois a própria validade da racionalidade científica tradicional, com sua vocação para investigar o plano fático (do ser) da realidade e tergiversar para o plano “contrafático” (do dever ser), estava sendo colocada em xeque pela filosofia da ciência contemporânea. Nesse sentido, para Bracht (2007), a identidade da educação física seria mais bem caracterizada por ser uma prática pedagógica.

Redescrevendo classificações do pensamento epistemológico da Educação Física na virada do século XXI, Bungenstab (2020), ainda que haja criticado o “acastelamento epistemológico” que enquadra autores em matrizes teóricas, assinala a existência de uma polarização entre, de um lado, pesquisadores que defendiam um resgate do “giro ontológico realista” e, de outro lado, investigadores que apregoavam a emergência do “giro linguístico”. Nesse contexto, Almeida, Bracht e Vaz (2012) abordaram criticamente a classificação de duas vertentes epistemológicas dominantes, a primeira das quais considerando a produção teórica orientada pelas matrizes fenomenológico-hermenêutica, crítico-dialética e empírico-analítica, ao passo que a segunda enfatizava a oposição entre modernos e pós-modernos. Na conclusão de seu artigo, todavia, os autores afirmam a existência de insuficiências e limitações dessas classificações, indicando que a complexidade e a interpenetração de abordagens teóricas sugerem cautela na utilização das mesmas.

Tani (2023), por sua vez, a partir de uma concepção sistêmica do empreendimento científico, compreendeu que a questão concernente à identidade acadêmica da Educação Física necessita, primordialmente, de um esclarecimento acerca da distinção entre ciência básica, aplicada e tecnológica. Além disso, propôs que uma macro-ordem geradora de um núcleo comum consistente fosse engendrada a partir da confluência de princípios pedagógicos e de contribuições oriundas da pluralidade de abordagens de ensino existentes na área. Por outro lado, mas ainda no espírito da teoria dos sistemas abertos, considerou que essa tal macro-ordem deveria conviver com a indeterminância de microdesordens específicas que, devido a peculiaridades locais de aplicação do conhecimento, deveriam ser respeitadas. Considerando a urgência da necessidade de pesquisas que se dediquem à definição da identidade acadêmica da área, Tani (2023) enfatizou que, enquanto isso não ocorre, a

Educação Física corre o risco de permanecer em uma situação ambígua quanto à clareza de sua missão e de seu foco.

Abaixo, apresentamos a Tabela 1, que apresenta uma sistematização dos resultados a partir do entrecruzamento dos dados encontrados acerca da questão epistemológica da identidade acadêmica da área:

Tabela 1 – Entrecruzamento sistemático e comparativo dos dados coletados

Autor	Abordagem teórica	Compreensão sobre a Identidade da Educação Física	Relação com a Ciência	Crítica Central
Medina (2013)	Crítico-humanista (ciências humanas)	A Educação Física deve superar o dualismo corpo/espírito e a pedagogia tradicional fragmentada.	Rejeita a visão herdada das ciências naturais.	Denuncia a concepção da “educação do físico” e o desprezo pela dimensão simbólica e social do corpo.
Lima (1999)	Histórico-epistemológica	Identifica a disputa entre duas abordagens: científica e pedagógica.	Busca clarificar se a Educação Física pode ser ciência.	Investiga controvérsias do estatuto científico da Educação Física
Bracht (2007)	Epistemologia crítico-dialética de caráter pedagógico	Define a Educação Física como prática pedagógica, não ciência.	Considera equivocada a pretensão de cientificidade.	Critica o “colonialismo científico”
Gamboa (2010)	Epistemologia crítico-dialética de caráter científico	Propõe identidade científica da área com base em novos campos epistemológicos.	Afirma a necessidade de vínculo com a ciência, desde que autônomo e crítico.	Denuncia o “colonialismo epistemológico”
Bungenstab (2020)	Histórico-epistemológica	Nas décadas de 1980 e 1990, o debate epistemológico em parte se concentrou na busca pela sua legitimidade científica	Entende que, na virada do século XXI, a educação física avançou enquanto área acadêmica que produz e aplica conhecimentos.	Critica o “acastelamento epistemológico”, argumentando sobre a importância da autonomia intelectual perante enquadramentos em matrizes teóricas
Almeida, Brach e Vaz (2012)	Histórico-epistemológica	O pensamento epistemológico da Educação Física assume uma forma de mosaico no século XXI	Sugere-se cautela com relação a classificações epistemológicas, dada a complexidade do campo e a	Renúncia às classificações de matrizes teóricas do campo epistemológico e de oposições entre modernos e pós-modernos

interpenetração de abordagens				
Tani (1991, 1996, 2023)	Sistêmico-complexa	A identidade deve ser acadêmico-científica, com repercussões sobre a intervenção profissional.	Reivindica o empreendimento científico com base em paradigma sistêmico e aberto.	Critica o reducionismo epistemológico dentro da área.

Discussão

De um ponto de vista histórico-epistemológico, foi possível corroborar que as décadas de 1980 e 1990, no Brasil, foram decisivas para a propagação de abordagens fundamentadas em ciências humanas, sobretudo após a enunciação de Medina (2013), em 1983, acerca da necessidade de emergência da uma crise de identidade da Educação Física. Como era de se esperar, tal crise gerou inicialmente uma desorientação, para depois assumir uma direção que pautaria em determinado sentido uma parcela significativa da produção acadêmica no campo de estudos e de investigação da área.

A partir dos resultados atingidos, agora, podemos avançar no eixo que trata da crise da Educação Física. Nesse contexto, identifica-se, com base nos estudos de Lima (2000), que inicialmente essa crise foi o resultado de uma crítica político-ideológica da Educação Física, conforme se pôde notar no achado relativo à contestação de Medina (2013) sobre determinados aspectos da tradição da área. Posteriormente, porém, como indica Lima (2000), a crise foi adquirindo contornos especificamente epistemológicos, sobretudo quando, já no fim da década de 1980, passam a vigorar preocupações relacionadas à produção do conhecimento e ao estatuto científico da área.

Por outro lado, como vimos, Lima (1999) delineou sua análise do campo epistemológico da Educação Física do fim do século XX apresentando duas vertentes principais: a científica e a pedagógica. Trata-se aqui de destacá-la como eixo de classificações epistemológicas. Com base nos achados deste estudo, podemos agora melhor compreender que os estudos de Bracht (2007) se situavam na materialização da vertente pedagógica, enquanto os de Tani (2023) e Gamboa (2010) adotaram, com suas abordagens substancialmente distintas, uma posição mais moderada, considerando as dimensões inherentemente educativa e científica da área. No outro polo do debate, isto é, situados na vertente que enfatiza mais propriamente a dimensão científica, segundo Lima (2000), encontram-se autores tais como, por exemplo, Manuel Sérgio (Ciência da Motricidade Humana) e Canfield (Ciência do Movimento Humano).

Ao eixo das classificações epistemológicas, liga-se o eixo das aproximações e distanciamentos entre autores. Pode-se notar, assim, que a abordagem crítico-dialética da

Educação Física produziu visões distintas sobre a relação entre epistemologia, ciência e Educação Física, com autores defendendo o fim daquilo que foram chamados de “colonialismo epistemológico” (Gamboa, 2010) e de “colonialismo científico” (Bracht, 2007). Contudo, apesar dessas distinções entre essas posições no interior de um mesmo espectro teórico, elas se aproximam quando propõem uma direção para a superação daquilo que foi entendido como “racionalidade científica tradicional”.

A abordagem crítico-dialética, porém, é apenas uma das vertentes epistemológicas que despontou no século XXI. Relativamente ao lado dela, como enfatizou Bungenstab (2020), desenvolveram-se as vertentes fenomenológico-hermenêuticas e empírico-analíticas e, em oposição mais radical a elas, emergiram as vertentes pós-modernas. Assim, de um ponto de vista histórico-epistemológico, pode-se deduzir que o campo acadêmico da Educação Física é permeado por uma pluralidade de abordagens teóricas que não necessariamente estabelecem consensos a respeito de aspectos essenciais da crise de identidade da área, o que tem dificultado o estabelecimento de perfis mais definidos e menos ecléticos de preparação profissional no âmbito da formação universitária inicial, o que nos conduz ao eixo das implicações epistemológicas sobre a formação profissional. Essa pluralidade foi ilustrada pelos estudos de Almeida, Bracht e Vaz (2012), os quais, por um lado, afirmam a seu caráter mosaicoforme e, por outro lado, sugerem cautela na elaboração de classificações do pensamento epistemológico, dada a sua complexidade e a interpenetração de determinadas abordagens.

Por fim, pode-se deduzir que as referidas classificações não levaram em consideração a abordagem epistemológica sistêmica, apregoada por Tani (1996, 2023). Entendemos que essa vertente fundamentada na teoria dos sistemas abertos apresenta direções promissoras para o debate epistemológico acerca da identidade acadêmica da Educação Física. Além apresentar maior clareza sobre distinções entre ciência básica e ciência aplicada e de reconhecer a necessidade de integração da pluralidade de abordagens de estudos no sentido do estabelecimento de uma macro-ordem que garanta a consistência de um núcleo comum para a área, essa vertente afirma também a necessidade da confluência de princípios pedagógicos que orientem a preparação e o exercício profissionais em respeito à particularidade (microdesordem) de cada situação local onde os serviços serão prestados e as atividades formativas serão realizadas. Essa integração e confluência poderiam contribuir para a superação daquela formação eclética de perfil indefinido sobre qual Tani (1991) se referiu.

Pontos fortes e limitações do estudo

Os pontos fortes deste estudo podem ser ressaltados pela apresentação confluente de dados relevantes sobre a problemática abordada. Tais dados, organizados de maneira

coerente, derivaram discussões sobre rumos promissores do debate epistemológico acerca da identidade acadêmica da Educação Física, dada a crise oriunda de críticas concernentes à literatura da área nas últimas décadas. Por haver abordado textos que se situam nas áreas das ciências comportamentais e humanas, este estudo reforça a importância de autores do campo continuarem realizando pesquisas sobre o assunto nas interfaces entre ciências naturais, comportamentais e humanas, visto que ele não poderia constituir um ponto final de resposta à problemática e não esgota a literatura sobre o assunto.

Para diminuir o viés de seleção que pode acometer este tipo de pesquisas (revisões narrativas), não foram excluídos dados conflitantes, uma vez que as controvérsias sobre o assunto foram elementos levados em conta para que a comunidade científica pudesse avançar na compreensão acerca da complexidade do problema abordado. Todavia, devido ao escopo genérico da problemática deste estudo, trata-se de uma limitação significativa o não-esgotamento do levantamento bibliográfico em bases de dados eletrônicas, de modo que a transparência da coleta de dados e o rastreamento dos resultados apenas podem ser replicados pela consulta que o leitor pode fazer das referências indicadas ao fim e utilizadas na produção crítica deste texto, embora outras interpretações a partir delas sejam possíveis.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi contribuir com o avanço do debate acerca da identidade acadêmica da educação física. A problemática que orientou o levantamento de dados sobre o assunto pôde ser expressa pela seguinte questão: como podemos definir, de um ponto de vista epistemológico, a identidade acadêmica da área?

Após haver apresentado, sistematizado e cotejado dados relevantes encontrados por esta revisão narrativa, indicou-se a teoria dos sistemas abertos como abordagem promissora para o avanço do debate, embora se tenha reconhecido por parte deste autor, dada a complexidade da temática, a inexistência de intenção ou pretensão de exaurir o assunto.

Declaração de conflito de interesses

Não há nenhum conflito de interesses no presente estudo.

Declaração de financiamento

Esta pesquisa não contou com fontes de financiamento.

Referências

- Almeida, F. Q.; Bracht, V.; Vaz, A. F. (2012). Classificações epistemológicas na Educação Física: redescrições. *Revista Movimento*, v. 18, n. 4, p. 241-263, out./dez.

Baumeister, F. R.; Leary, M. R. (1997). Writing narrative literature reviews. *Review of General Psychology*, 1(3): 311-320.

Bracht, V. (2007). *Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz* (3. ed.). Ijuí: Ed. Unijuí.

Bungenstab, G. C. (2020). Epistemologia da educação física brasileira: (re)descrições da atividade epistemológica no século XXI. *Revista Movimento*, 26, 1–14.

Gamboa, S. A. S. (2010). *Epistemologia da educação física: as inter-relações necessárias* (2. ed. rev.). Maceió: EDUFAL.

Lima, H. L. A. (1999). *Pensamento epistemológico da educação física brasileira: das controvérsias acerca do estatuto científico* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco). Recife, Brasil.

Lima, H. L. A. (2000). Pensamento epistemológico da educação física brasileira: das controvérsias acerca do estatuto da área. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 21 (2/3), jan.maio.

Medina, J. P. S. (2013). *Educação cuida do corpo... e “mente”* (26^a ed.). Campinas: Papirus.

Pellizzer, E. P. et al. (2021). Revisão narrativa, integrativa e sistemática: conceitos e abordagens nas áreas da saúde. In: Honório, H. M.; Santiago Júnior, J. F. (orgs.). *Fundamentos das revisões sistemáticas em saúde*. São Paulo: Santos Publicações.

Tani, G. (1991). Perspectivas para a educação física escolar. *Revista Paulista de Educação Física*, 5(1/2), 61–69.

Tani, G. (1996). Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. *Motus corporis*, Rio de Janeiro, 3,(2), p. 9-50.

Tani, G. (2023). *Ensaios em educação física*. São Paulo: Blucher.